

Cultura Portal Revistas de Ideias e Cultura relança KWY online

Revista KWY

Com a ajuda de alguns amigos, René Bertholo e Lourdes Castro lançaram em 1958 os primeiros números da KWY, produzidos à mão no quarto onde viviam em Paris. A icónica publicação está a partir de amanhã integralmente disponível *online*

Luís Miguel Queirós

Os doze números da revista KWY (1958-1963), que Lourdes Castro e René Bertholo criaram em Paris com um grupo de amigos – quatro jovens artistas portugueses (Gonçalo Duarte, José Escada, António Costa Pinheiro e João Vieira), um alemão, Jan Voss, e um búlgaro que se tornaria mundialmente célebre, Christo –, foram integralmente digitalizados, a partir dos exemplares conservados na Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, e poderão agora ser consultados e pesquisados no portal Revistas de Ideias e Cultura (RIC), um projecto dirigido por Luís Andrade e desenvolvido pelo Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que já colocou *online* largas dezenas de publicações, algumas tão duradouras como a *Seara Nova* ou *O Tempo e o Modo*, outras tão breves, mas nem por isso menos significativas, como *Orpheu* ou *KWY*.

A aproximação à revista criada por Pessoa e Sá-Carneiro pode não ser inteiramente absurda, já que ambas reagiram ao estiolamento cultural e artístico do país, ambas foram eclécticos projectos de amigos, mais do que bandeiras de movimentos estéticos ou políticos, e as duas cruzaram a criação literária com as artes gráficas e visuais, ainda que, salienta Fernando Rosa Dias, professor da Faculdade de Belas Artes de Lisboa, o que distingue a KWY da “grande tradição de revistas literárias” é justamente o facto de ser feita por artistas plásticos. “É a partir da dimensão plástica da revista que vem depois o poema, e costumava ser ao contrário, como acontece em *Orpheu* com

os desenhos de Santa Rita Pintor, que têm uma função um pouco subsidiária.”

Fernando Rosa Dias é um dos oradores na sessão de apresentação deste novo *website* do RIC dedicado à KWY, que decorrerá amanhã, pelas 15h, na Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, na Praça das Amoreiras, em Lisboa. Um cenário adequado não apenas por ter sido a fundação a fornecer os exemplares da revista para digitalização – e para se ter uma noção da raridade bibliográfica destes objectos, bastará referir que só o número seis (não por acaso o menos artesanal e o de maior tiragem) está disponível na Biblioteca Nacional –, mas também pelo constante apoio que Vieira da Silva e o seu marido deram em Paris aos jovens artistas do grupo KWY. Fernando Dias, que ao longo dos anos foi ouvindo histórias contadas por alguns dos fundadores do grupo e por quem privou com eles nesse período, relata que era habitual Arpad Szenes oferecer-lhes dinheiro, que estes educadamente recusavam, mas tendo a razoável certeza de que, quando deixassem o atelier do casal, no n.º 34 da Rue de l'Abbé Carton, encontrariam alguns francos nos bolsos dos casacos.

Além de Fernando Rosa Dias, intervirão ainda na sessão de amanhã, as investigadoras Rita Macedo, Ana João Romana e Filipa Candeias. Esta última é a curadora do *site* da KWY, revista à qual dedicou a sua tese de mestrado, e cuja história relatou no documentado estudo que redigiu para o catálogo publicado por ocasião da histórica exposição do grupo KWY no Centro Cultural de Belém, em 2001. O catálogo está também integralmente digitalizado no *site*, bem como algumas das edições que o grupo KWY produziu para lá da própria revista, incluindo uma plaquete-serigrafia de



FOTOS: DR

Lourdes Castro, de 1958, que reproduz parcialmente um poema de Herberto Helder então ainda inédito em livro e que saíra no ano anterior na revista *Folhas de Poesia*.

Se Lourdes Castro e Herberto Helder tinham ambos nascidos no Funchal (com 15 dias de diferença), e já se conheciam da ilha, a cumplicidade entre artistas plásticos e poetas que marca sobretudo os números iniciais da revista é sobretudo devedora das amizades que se consolidaram nas tertúlias do Café Gelo, no Rossio, que uns e outros frequentavam. Mário Cesariny, Manuel de Castro, Helder Macedo ou António Ramos Rosa são outros cúmplices ocasionais da KWY.

Sem programa

No entanto, se o nome do Café Gelo costuma andar associado ao surrealismo, a KWY foi desde o início uma revista sem programa ou manifesto, um lugar onde oito amigos desenvolveram livremente os seus projectos, dialogando entre si, e convidando outros criadores que apreciavam, e que durou o pouco tempo que foi possível, até que os projectos e carreiras de cada um deles se foram distanciando, também geograficamente, e esse momento mais ou menos comu-

nitário se foi naturalmente diluindo.

O nome do grupo e da revista, escolhido por René Bertholo, exprimia o desejo de abandonar a cinzenta e reprimida cena cultural do Portugal salazarista, demandando outras paragens e linguagens, simbolizadas nessas três letras que tinham sido excluídas do alfabeto luso em 1911. E que depois serviriam para jogos de palavras humorísticos, como a sua tradução na expressão “Cá Vamos Indo” ou o lançamento de uma rubrica de crítica com a designação “As Exposições KWYmos”.

Metade do futuro grupo era constituído por alunos da Escola de Belas Artes de Lisboa – Lourdes Castro, René Bertholo, José Escada e Gonçalo Duarte –, a que se juntaram António Costa Pinheiro, que frequentara a escola António Arroio, e João Vieira, que dividia um atelier com Bertholo e Escada no mesmo edifício do Café Gelo. Conhecerão Jan Voss em Munique, onde Lourdes Castro, Bertholo, Gonçalo Duarte e Costa Pinheiro apresentarão a exposição *Vier Maler aus Portugal* (“Quatro Pintores de Portugal”), em 1957, e Christo já em Paris, acabado de chegar da Bulgária. “O KWY é o primeiro grupo artístico com quem Christo se envolve quando chega a Paris, e é lá que vai encontrar

o seu projecto, que depois levará para o movimento do *nouveau réalisme*”, diz Fernando Rosa Dias.

A saída de Christo também mostra bem como o grupo se dissolveu com a mesma naturalidade com que se constituíra. Segundo o próprio Christo contaria quando esteve em Portugal em 2001, um dia despediu-se de René Bertholo à porta da casa deste, talvez em 1963 ou 1964, e nunca mais o viu até o reencontrar em Lisboa na exposição do Centro Cultural Belém, quase 40 anos mais tarde.

A revista, que agora se pode folhear digitalmente no portal RIC, nasceu num pequeno quarto que Bertholo e Lourdes Castro tinham arrendado no Boulevard Pasteur, em Paris. Usando uma técnica serigráfica inovadora que o próprio Bertholo inventara, foi neste quarto que se imprimiram, o mais artesanalmente possível, os três primeiros números. Bertholo chamou ao exemplar inaugural – um caderno de oito páginas com uma serigrafia de Lourdes Castro na capa e uma tiragem de 60 exemplares – “uma carta para os amigos”.

“Eram jovens artistas que tinham chegado a Paris e precisavam de se dar a conhecer, de modo que a revista era também uma carta de apresen-

Três letras que levavam a mundos novos

René Bertholo, o poeta João Vidal, José Escada, Lourdes Castro, António Costa Pinheiro, João Vieira, Jan Voss e Christo (na fotografia falta Gonçalo Duarte, também do grupo KWW). Em baixo, serigrafia de Vieira da Silva. Da esq. para a dir.: capas de Bertholo, Lourdes Castro e Christo



tação”, acrescenta Fernando Dias.

O segundo número tinha capa de Bertholo, o terceiro de Escada e o quarto – que substituiu efemeramente o formato vertical pelo panorâmico –, de Costa Pinheiro. Mas a principal mudança chega com o 6.º número, que teve uma produção mais híbrida, ainda com serigrafias originais, mas recorrendo a uma impressão tipográfica mais convencional, o que também permitiu aumentar a tiragem para 500 exemplares. Com capa de

Gonçalo Duarte, originais e reproduções dos artistas do grupo e de alguns que lhes eram próximos, e ainda vários textos teóricos, foi o primeiro número da revista comercialmente distribuído em Portugal, e correspondeu a um projecto de criar uma revista portuguesa de artes plásticas, como expressamente se assumia no único texto da KWW que se pode considerar um editorial.

Mas o projecto ficou-se por aí, e o número seguinte mostra um desejo

de regressar à dimensão mais artesanal e experimental que sempre marcara a revista, a partir daqui assumidamente voltada para um público francófono, como desde logo sugeria o novo subtítulo *Revue trimestrielle d'art actuel*.

Voltar a página

Lourdes Castro, Bertholo, Voss e Christo dividem entre si responsabilidades (e capas) nas edições seguintes, até que Lourdes Castro, que tinha um conhecido pavor ao número 13, decide fechar a revista no n.º 12, a que dá o título de *Album*. Pede a todos os colaboradores que enviem um postal, objecto que simbolizava bem o relacionamento entre artistas que a KWW sempre cultivara, e constrói nesse derradeiro número uma evocação de todo o percurso da revista.

A evolução diferenciada dos projectos pessoais dos artistas do grupo na cena artística dos anos 60 dificilmente permitiria que a experiência durasse muito mais tempo, sugere este investigador, lembrando que Bertholo, “mas ainda do que Lourdes Castro, tinha um grande sucesso comercial, e quando deixou a pintura e começou a fazer objectos, aí por 1966, já não conseguia dar resposta a todas as encomendas”.

Costa Pinheiro tinha também “uma boa recepção na cena artística de Munique e recebera um prémio importante já com obras da série *Os Reis*”. E Christo, que partiria para Nova Iorque em 1964 com a sua mulher e cúmplice criativa, Jeanne-Claude, não tardaria a sonhar embrulhar o Reichstag, depois de ter experimentado o dedo com a galeria Brenner, e estava em vias de se tornar um artista global.

A KWW, resume Fernando Rosa Dias, foi “um lugar colectivo, onde se estabeleceram relações e afinidades, mas onde cada artista encontrou o seu próprio caminho”. Num olhar mais amplo, admite que a revista possa ilustrar “a saída do paradigma da abstracção”, rumo a uma “nova figuração que a arte dos anos 60 estava a lançar a partir de novas questões, mais conceptuais do que formais”. Mas acredita que é justamente o “sentido de inclusão” da revista, a sua recusa em assumir um programa, que lhe confere, 60 anos passados, uma surpreendente actualidade.

Luís Andrade associa a revista à “página que se estava a voltar” no mundo, mas também em Portugal, com a chegada dos anos 60, uma década na qual vê a ressurgência de um espírito que marcou o fervilhan-

te período de entre-guerras. “Em minha opinião, a KWW retoma um tipo de irreverência modernista, própria dos anos 20, nomeadamente no trabalho sobre as linguagens, neste caso plásticas, os protocolos editoriais, a inventiva artesanal, a experimentação de materiais e o humor descomprometido libertário e libertador”, diz o responsável do RIC, sublinhando a coincidência temporal entre a KWW e a revista *Almanaque* (1959-1961), lançada por Cardoso Pires, Alexandre O’Neill, Sebastião Rodrigues, Sttau Monteiro e Vasco Pulido Valente, na qual detecta algumas características afins, que depois vê prolongadas, por exemplo, num projecto editorial como o da &etc.

Coube a Lourdes Castro fechar a aventura da KWW com esse derradeiro número 12, cujo miolo era exclusivamente composto de 54 postais com obras de quantos tinham colaborado na revista ao longo dos anos. “Postais que podiam ser destacados”, explica Sandra Brás dos Santos, documentalista da Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, “reduzindo a revista à sua capa e contracapa e tornando-a – a gosto – um invólucro de ausências ou de memórias”.

